

NÓS-EM-PANDEMIA - UM ANTIMANUAL DO FAZER EM TEMPOS DE PARADOXOS NA ATIVIDADE

Resumo: Atividades humanas, terapia ocupacional e Covid-19: a experimentação das interfaces que compõem esses três universos é o que nos propomos expressar neste texto. Texto-texturas-tessituras metodologicamente produzidas a partir do primado da experiência e de cartografias de um grupo, de um coletivo, Terapia Ocupacional como Produção de Vida. Ao pensar os desafios impostos pela pandemia, passos a criar possíveis fazeres que não cabem em um manual. Operamos na composição de ideias com fragmentos de escritas singulares em conexão, sem perder a oportunidade de dar espaço ao desconexo e a partir dele, propor a colagem de nossos próprios cotidianos atualizados em poesias, crônicas, narrativas, costuras e reflexões teóricas. Desta colagem resultou um conjunto de trocas de experiências, estratégias e fazeres terapêuticos ocupacionais para apoiar sujeitos individuais e coletivos em seus cotidianos atravessados por medos e alegrias, sofrimentos e resistências.

Palavras-chave: terapia ocupacional; covid-19; atividade humana; cotidiano.

Abstract: Human activities, occupational therapy and Covid-19: the experimentation of the interfaces that make up these three universes is what we propose to express in this text. Text-textures methodologically produced from the primacy of experience and cartographies of a group of an occupational therapy collective as a production of life. When thinking about the challenges posed by the pandemic, steps to create possible actions that do not fit in a manual. We operate in the composition of ideas with fragments of singular writings in connection, without losing the opportunity to give space to the disconnected and from it, propose the collage of our own updated every daily life in poetry, chronicles, narratives, seams and theoretical reflections. This collage resulted in a set of exchanges of experiences, strategies and occupational therapeutic actions to support individual and collective subjects in their daily lives, crossed by fears and joys, suffering and resistance.

Keywords: occupational therapy; Covid-19; human activity; daily.

Resumen: Actividades humanas, terapia ocupacional y Covid-19: la experimentación de las interfaces que componen estos tres universos es lo que proponemos expresar en este texto. Textos-texturas-tejidos producidas metodológicamente a partir de la primacía de la experiencia y las cartografías de un grupo de una terapia ocupacional colectiva como una producción de vida. Al pensar en los desafíos planteados por la pandemia, los pasos para crear posibles acciones que no encajan en un manual. Operamos en la composición de ideas con fragmentos de escritos singulares en conexión, sin perder la oportunidad de dar espacio a los desconectados y, desde allí, proponer el collage de nuestra propia vida cotidiana actualizada en poesía, crónicas, narrativas, costuras y reflexiones teóricas. Este collage resultó en un conjunto de intercambios de experiencias, estrategias y acciones terapéuticas ocupacionales para apoyar a los sujetos individuales y colectivos en su vida diaria, atravesados por miedos y alegrías, sufrimiento y resistencia.

Palabras clave: terapia ocupacional; covid-19; actividad humana; todos los días

DESATANDO-NÓS... DESATANDO-NOS

Amores

vou mandar o meu aqui no/do corpo

4h da manhã

Peito apertado, suspiro pesado

Mais uma noite agitada

Olho o celular procurando por notícias.

Boas.

Não há.

Largo a cabeça no travesseiro,

Quase sinto meu corpo no ar

Pensamentos, ideias

Tarefas não acabadas,

Outras ainda nem começadas.

Por mais que queira, não consigo dormir.

De repente o relógio toca, sete e meia

Nem sei quantos dias se passaram

Há tanto para se fazer, mas não há nada

Olho o relógio e já são 9h.

Logo serão 10, 11, 12h

Nem saímos da cama

A fome aparece.

Cozinho um almoço qualquer,

A louça fica.

Já são quase duas.

Agora no sofá, rodo o catálogo

Das infinitas possibilidades das séries sobre vidas irreais

Não te parece a minha também irreal?

Um, dois, três...episódios, horas.

E já são 18h, 19h e 20h.

E a fome volta.

E gente janta

E a gente dorme.

E amanhã será hoje

Como hoje foi ontem

Amanhã?

Ninguém sabe se existe.



Imagem 1: Pulsar - os paradoxos que nos habitam

E de que se trata?

O encontro aconteceu como combinado, de um grupo de estudos-experiências que tem se constituído, construído, corporificado nos últimos anos. Tudo estava mudado, olheiras, palidez, ansiedade, até desespero se encontravam ali. Alguém leu o livro? A resposta ou o silêncio respondiam que não. Estávamos ali – em uma abstração, pois a conexão era virtual - porque era um ambiente seguro, um espaço de acolhimento, para ser e sentir. “Podemos *apenas* compartilhar como estamos?”. E, com isso, diversas narrativas se compuseram na criação de uma forma de lidar com esse ‘como estamos’. E o ‘apenas’ se tornou o todo.

Verbalizar foi a primeira ação-movimento no sentido da elaboração do que estava nos acontecendo. Vírus letal. Pandemia. Isolamento. Solidão. Cobrança. Reação. Crise.

Primeiro passo: o que nos passa? Percepção singular desajustada, desconectada, mobilizada pelo caos porém sem saber como habitá-lo. Não faz sentido as vozes que circulam nas redes: aproveite o tempo livre, aprenda algo novo, cuide da saúde, lembre-se de lavar as mãos, limpe sua casa, dez receitas para a quarentena, brinque com seus filhos, cinco tarefas escolares por dia, medite, tome sol, exercícios físicos para fazer em casa, *home office*, hortaliças para cultivar na varanda, faça seus próprios cosméticos.

Tanto tempo livre, solto, disperso, fora do controle, inabitado, não identificado, estranho. Toda essa mensagem otimista e produtivista - massivamente destinada às mulheres - não abarca a saturação, o desgaste, o enlutamento, os sinais de resistência a uma violência, a algo que não estava presente. O cotidiano estranho. O estranho ou inquietante, aquilo que causa angústia, confusão ou terror ao olhar: o estranho-familiar ou infamiliar que estava camuflado e essa situação rasgou.

Emergia algo que é constituinte do ser, mas não se reconhece. Ver expectativas e planejamentos futuros se dissolverem. Sentir o sofrimento, o medo e a perda iminente e concreta assolando a porta de casa. Saber da responsabilidade, da capacidade e do dever ético em cuidar do outro, mas também da frágil governabilidade e das precárias condições da linha de frente em combate. Não saber o que fazer. Não conseguir nem cuidar de si. Reagir a nível de sobrevivência. Adoecer.

O Coletivo de Terapia Ocupacional como Produção de Vida tem representado um espaço-tempo de ressonância: não se está só, não é tão simples, não há uma fórmula, não há um manual, não há garantias. Porém, há o estar junto e um saber-fazer que vem se instalando para olhar a experiência em acontecimento e a potência do agir na produção da vida. Isso significa apreciar essas novas experiências, esse novo cotidiano, essa desterritorialização em busca de sentidos e

da criação de estratégias de existência, derivando no texto-colagem que é aqui partilha do sensível.

AMANHECER

amanhece atribulado café com “não vou dar conta” como trabalhar produzir escrever e estudar como assim não é para parar? na agenda: preciso de um chá orientação reunião live meet zoom minha família está bem? fazer slides responder e-mail finalizar projeto o lixeiro vai passar, ele está com EPI? banca aula no moodle no ava plataforma brasil tenho que cuidar dele, ontem teve insônia cronograma gravar editar e postar vídeo responder aquele googleforms lembrar de tomar água correção reenvio revisão me inscrevo em mais um curso anotar na agenda esqueci roupa na máquina desse jeito só me resta tensão desse jeito perdi o tesão como assim não podemos parar? **amanhece** a esperança uma orquestra passarinhos ecoam na janela medito ganho uma xícara de chá que bom ela conseguiu dormir sem medicação o sol aquece a alma uma orquídea deu flor conseguimos mais máscaras para doar a flor do deserto também céu rosa nuvens douradas consegui escutar acolher aprendi nova receita que bom é poder tomar banho vamos brindar à vida gosto de dizer que as pessoas me importam pés livres a qualquer hora do dia plena terça feira? um mantra incrível me sinto amada por ele cinco ninhos de passarinhos deve ter algum sentido celebrar a vida que prazer rir com elas jaboticabas do pé não acredito que você fez isso por mim escrevi um poema cheira canela esse travesseiro quase não lembrava que tem uma pandemia lá fora e aqui dentro como assim não podemos esquecer? **amanhece** o medo quantos devem morrer? vai faltar EPI profissionais sistema de saúde a sucumbir comunidades inteiras sem água faixa de gaza indígenas no brasil manaus tanta beleza tantas covas mãe por favor siga minha 49º orientação mas não pira faça campanha ajudo campanha custo máscaras álcool gel pra quê? vai servir? minhas estudantes bolsistas vão sobreviver? limpa casa porta saco de pão tive um pesadelo pior que invasão zumbi realidade é que não sei se acordei bate panela e grita pela janela desabafo do terror o vírus deve adorar a necropolítica minha pele descasca feridas abertas no álcool arde mais por dentro mesmo sou egoísta não quero perder ninguém pessoas por favor se cuidem alarmista ou realista como vamos honrar todas essas mortes? o medo não pode ser maior que meu amor.

tenho dito.



Imagem 2: Amanhecer - Por nós mulheres

CRISTALEIRA

Faço não porque mandaram ou por dever
Faço porque quero
Há muito queria fazer
Curvo-me, sento, estico-me para lhe alcançar
É o que dá para fazer
Admiro...Tão comum
Secular
Não são todos e todas que consegue agradar
Para mim basta
Tão cheia de curvas e imperfeições
Tão frágil e tão forte
E se busca o paradoxo na nata
Enquanto, assim, se apoia no chão
Sua transparência revela o interior sem receio
Emoldurada por matéria nobre

Quanto presenciou
Serviu
Firme suportou o tempo e suas adversidades
Ouviu sobre guerras, amor, dor, morte, luto, luta
Pandemia
Viu lágrimas, palmas, celebrações, risos, abraços
Atravessou o tempo e o espaço
Resistiu e resiste
Não desiste
Seu fundo intriga
Por ser espelhado
Está repleto e revela no vazio
O que está à sua frente
O tempo, o hoje, o agora
O futuro pertence a quem?
O peso da sua existência destoa
Continua mantendo tantas outras
Cristais, porcelanas, vidros, filhas, mães, rosas
O lamento vem da inconformidade
Dessa impossibilidade que só veem
Resiste, acolhe, guarda e aguarda
Seu tempo chegará
Permanecer, estar, ficar, manter
Sua base diz mais que seus apoios
Suporta

A obsidiana resplandece envolta à candidez
Se tiver que polir, que seja o metal
Diante do tempo, da história acumulada, da dificuldade escancarada
Da beleza revelada
Fica mais para mim
Para muitos, estática e antiga
Adornos novos
Seu vazio está repleto
Quanta história, a sua e outras, muitas vidas
Outros tempos, novos dias
Seu cuidado faz emergir
Organiza o cotidiano
Faz mais uma no comum
Concretiza
Põe em movimento
E por um momento, não há nada mais lá fora
Ora cristal, ora porcelana
Agora cristaleira

#ficoemcasas

o que eu faço?
se um homem atravessa a rua com as mãos em desespero
são sempre mais tarefas que vida, mais desejos, que o tempo
por que? querem que tudo se passe para que nada aconteça
escassos tornaram-se os tempos, a rotina espremida traz os gestos
mais às claras, traz agudez na urgência do sentido

o que eu faço?
ando exausta, por vezes, vivo entre casas
agora cuido de duas e dela de 92 anos, anciã com o mal de Alzheimer
logo pode não haver mais respiradores para nós duas
assim um inverno atravessa a porta
o que eu faço?
tudo full time, esse *meu tempo* escasso é um tempo firme
para outros, eu duvido
ser terapeuta ocupacional traz a compreensão de que é preciso
por o corpo, tomar a palavra, ocupar a ação e que isso é vida
produção, criação e recriação do vivo
o que eu faço?
autopoiésis, dentro da noite veloz, o coração
o vírus me faz comer nacos de spaguetti
horas de estudos decoloniais, de latino américa
não se trata de ocupar desocupados e eu nem mesmo tenho rotina
tenho os olhos abertos, não tenho saudades dos tantos desastres
humanos, estou acesa, não bastam as mortes testemunhadas?
são incontáveis nossas pandemias
o que eu faço?
persigo a questão: não bastam?! me espanto
como habitamos comodamente esse desterro da vida dos
despossuídos e desde tantos tempos
#fiqueemcasa
o sacrifício desnuda o sagrado ofício
o capital desconhece-o, agora eu amo mais
agora sou melhor muitas das vezes
o que eu faço?
não tem volta nem os insultos nas portas dos hospitais
de pés descalços, sonho com a lua e o mar, pinto um papel vegetal
Elian, meu neto, nasceu numa Espanha plena de Covid-19
pelas mãos de duas mulheres parteiras e na presença da pequena Maria
portanto... por tanto me acalenta a história humana à luz dos ausentes.

37^o. dia

Eu: mulher branca 38 anos dois filhos: Lucas, 8 e André, 4.

Tetra jornada: trabalho profissional, atividades domésticas, maternagem, professora de filhos no “homeschooling”, somado o casamento e atividades físicas.

No banho, depois do dia intenso de convivência familiar, me pego a pensar no volume surreal de coisas que realizei hoje e, ainda assim, me sentindo improdutivo. Muitas atividades iniciadas, nenhuma finalizada.

Infindáveis reuniões virtuais entremeadas por lavagem de roupa, almoço, matemática, banho nas crianças. Invenções culinárias, brincadeiras ao sol no quintal, a música estrangeira nova. Ansiedade, incertezas, cansaço. Criatividade, amorosidade, cuidado. Tudo isso, e muito mais, o universo de um dia de uma mulher branca, nos atributos de seus privilégios em quarentena.

Ao sair do banho, olho pela janela e vejo uma mulher negra de meia idade, faxinando o quintal da casa ao lado. Imediatamente penso nas milhares de mulheres que estão limpando os hospitais e unidades de saúde, cozinhando para milhares de doentes e absolutamente esquecidas nas salvas de palmas oferecidas aos trabalhadores de saúde, pelo seu sexo, sua classe, sua cor, e outras intersecções.

Sim, trabalhadores de saúde, no masculino, é como somos enaltecidas, como heróis. Quando na realidade somos uma avalanche de mulheres, de maioria branca, trabalhadoras nas mais diversas profissões da saúde.

Me emociona pensar no papel significativo das mulheres neste contexto pandêmico, em que os *cuidados* em saúde ganham uma proporção tão intensiva quanto os *cuidados* que se dão nos territórios da vida, embora com visibilidades distintas. Da UPA à cozinha, das ruas vazias ao intimismo da vida diária, da falta de EPIs, para a falta de um espaço de descanso.

O presidente da república me interrompe. Olho a tv e vejo a tela cheia de homens brancos, velhos e engravatados. Enfileirados como pedras, soldados caricatos, capitaneados por uma verborragia desconexa, vazios de existência. Necroativistas liderando a nação na esfera macropolítica, enquanto na micropolítica, somos cotidianamente convidadas a responder ao chamado da vida que se presentifica no leito de um serviço de saúde, no apito da panela de pressão, no riso da criança, na planta pedindo água no quintal.



Imagem 3: Por nós - a vida re-existe.

DELICADEZA QUE SE É

- estratégias para cuidar de uma pandemia de angústias.

Não há nenhuma receita. Esse é um lugar de vulnerabilidade e também de criação.

Tanta oferta de coisas para preencher o vazio quando, na realidade, estou vivendo a sensação de esvaziamento pelo distanciamento e quebra na rotina e, paradoxalmente, me sinto completamente preenchida, atordoada, atrapalhada, com pouca concentração até mesmo para as coisas corriqueiras. Angústia, insegurança, medo, falta de perspectiva ocupando minhas possibilidades criativas, tomando espaço da capacidade realizadora. Me vi tomada por muito sofrimento.

E como estratégia de cuidado, buscando olhar para minhas singularidades, processos, exigências, desejos, tenho procurado habitar a dor, o sofrimento e me movimentado no sentido de tentar fazer com que esse sofrimento possa desabrochar um pouco, conhecê-lo, acessá-lo. Entender o que está contido, os sentimentos, o conteúdo da angústia, que afetos são esses...

Isolamento, sensação de solidão, conflitos, insegurança pelos rumos da vida, interrupção dos projetos, dificuldade de conseguir afirmar sentido para o viver, frustração, medo de adoecer, de morrer, de perder alguém querido. E, só então, pensar o que fazer para enfrentar cada uma dessas coisas ou o que está mais urgente ou até estabelecer, de certa maneira, algum tipo de prioridade. Primeiro conhecer para depois saber para onde ir, respeitar o que me acontece para poder transformar em potência de ação.

A sensação de paralisia foi muito grande, aguardei um tempo... respirei nessa paralisia tendo certeza de que esse não é o meu lugar. Comecei por coisas muito básicas, organizar um fluxo para o dia, um compromisso comigo mesma, me aproximar o quanto possível virtualmente das pessoas que gosto, criando canais de interlocução. Reconheço que o sofrimento está bem colocado neste momento. Pede uma reconstituição delicada do cuidado de si.

E a questão mais importante para mim: a alegria é muito preciosa.

A alegria é delicada. A alegria das coisas pequenas, uma leitura interessante, um filme gostoso de ver, uma conversa com alguém que me anime, perceber que as coisas estão caminhando ainda que estejam difíceis... Cultivar pequenas fagulhas de alegria diariamente. E assim, deixar o oxigênio entrar. Segundos de alegria diários. Porque entendo que somente ela é capaz de alimentar a potência - e que cada um sabe onde ela está para si.

E, assim, sinto que posso me cuidar. Estabelecendo um respeito muito grande pelo sofrimento, conhecendo-o, priorizando questões e entendendo como enfrentá-lo. Preenchendo a existência com oxigênio e alegria, para pegar força e fôlego, ganhar potência para seguir, sair dessa mais forte, mais potente pela delicadeza que se é.

_oscilações dançantes

O pão...escuto o cheiro do pão...a música me afeta...o cheiro me faz dançar...Não temos pão...faremos pão...o mundo está cheio de gente que pode doar receitas e música...faço pão...fazemos juntos, Bento e eu...olho o pão...outras formas de ser, outras formas de estar, outras formas de fazer...me levam ao pão, com Bento...pão, comigo...

...temos passado muito tempo juntos, outros tempos juntos...o cheiro do pão e das bagunças é brincante...são quase meia noite...o tempo mudou de ritmo nas últimas semanas...foi permitido desrotinizar...ou criar rotinas outras...

mais perto de nós?

...desterritorializar...desesperaDOR...re-territorializações...outras formas de estar, outras formas de ser, outras formas de fazer...Danço...nas últimas semanas des(re)territorializar me leva a obsessão...tristeza...medo...morte...pânico...e dança...

(posso mesmo estar mais feliz em tempos de pandemia?)

...oscilações...tudo é ainda mais fugaz em tempos de pandemia...some o chão...desalentaDOR...não reconheço esse olhar em mim, lembro ter visto em filmes...e outros...

...o que realmente vale?...já sabia, agora banco...corto meu cabelo como quem troca de roupa, aquele cabelo, que guardava a imutabilidade...anos de terapia...e o que faltava, era pandemia?!...e pão...brinco....

...olhares...relâmpagos eternos...

...também trabalho, pequenas coisas salvam, algumas velhas conhecidas do sobreviver...vivo...cozinheiro, lavo, limpo... limpa...

isoLAR

...danço...Bento e eu no quarto ao lado...o pai, isolado...desolado...as sombras na parede também dançam...brincam...Bento para, me olha com demora...pega um giz...se aproxima e pergunta...*mamãe, como escreve eu te amo?*...não, não é um acontecimento comum...ensino...ele escreve na parede preta aberta no seu quarto para receber o que acontece...

...e tudo isso acontece...



...na pandemia em mim...

Nós finais

Mais uma noite agitada.

E para isso, não há receitas, ainda que proliferem na perspectiva de cuidado, de garantias para afastar o mal-estar. E esse lugar de vulnerabilidade é, também, lugar de criação. Tão frágil e tão forte. Será que há um antimanual para responder ao caos desse acontecimento?

Não, não é um acontecimento comum...

No entanto, embora não se trate de um acontecimento comum, queremos afirmar que se trata de um *acontecimento*, com amplo potencial de parir possibilidades de produção do *comum*. Zonas de singularidade e de comunidade que se instauram a partir do momento em que nos ocupamos e nos deixamos ocupar pelos chamados, muitas vezes inaudíveis que gritam na experiência coletiva da vida nesta pandemia.

Nosso texto coletivo – uma cartografia por mãos femininas em corpos ativos, conjuga a produção de um comum para a produção de conhecimento, dando passagem a diferentes conceitos, crônicas, poesias, narrativas – um conjunto de elementos afetivo-cognitivos que pertencem a todos e não são de ninguém. O que os rejunta é a co-produção, o que foi possível a

partir do encontro e confronto entre corpos. Composição de elementos invisíveis e intangíveis, atravessados por uma experiência pandêmica, e por tanto, de contágio.

Além de atravessar o encontro com o novo mundo-Coronavírus, comungamos também o desejo de ser/pensar a terapia ocupacional a partir da apreciação da atividade humana, da experimentação e do com-partilhar de experiências cotidianas singulares, da expressão das marcas produzidas pelas ações soterradas no intimismo da vida doméstica.

Procuramos afirmar uma prática existencial e profissional que se impõe fortemente em tempos de Covid-19. Essa prática, entre outras coisas, inclui assumir nossas fragilidades, efetuar nossas sensibilidades, produzir deslocamentos de nossa zona de conforto, reconstruir territórios, afirmar a potência de ação e reinvenção do ser em atividade no continuum de criação de fazeres e na ocupação singular do mundo. E sobretudo, reafirmar a importância da vida compartilhada, da vida em coletividade – relações de composição que se dão não apenas entre seres humanos, mas entre seres vivos e coisas: cristaleiras, mulheres, vírus, ideias, crianças, homens, pães, panelas, curvas, imperfeições, vazios, belezas, relâmpagos, afetos...

Esse processo, exige de nós menos manuais do como se adaptar a quarentena e mais possibilidades de devir, de agir sobre si e sobre os novos mundos que se produzem em quarentena, exige uma intensiva-atividade sensível aos abalos e às linhas de fuga, ao que paradoxalmente assinala e escreve onde a vida é fecunda, onde se pode mais-vida. Há muito querer fazer e muito a romper com a imutabilidade.

O mundo que queremos afirmar é aquele em que o cuidado com os modos de existência e com a nossa finitude é tão valioso quanto a garantia de respiradores, máscaras e um sistema universal global de saúde. Um mundo com mais singularidade e menos prescritividade.

Mais respiros, menos deveres.

Para que consigamos fazer de nossas quarentenas e de nosso mundo pós quarentena, um lugar um pouco mais feminino, mais líquido, mais água e menos pedra.

Todas as máscaras que aparecem nas imagens foram produzidas por mulheres para serem doadas. As imagens foram produzidas por Carla e Paula e fazem parte de acervos pessoais. As edições foram feitas por Clau Fragelli e Leticia.

REFERÊNCIAS

- Agamben G. Profanações. Trad. Severino José Assman. São Paulo: Boitempo; 2007.
- Bondiá JL. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. Rev. Bras. Educ. 2002; 19:20-28.
- Deleuze G. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34; 2007.
- Dussel ED. Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 2005.
- Furtado EA. Conversando sobre identidade profissional. Rev. ter. ocup. 1999; 10 (2/3): 46-48.
- Guattari F. Caosmose. Rio de Janeiro: Editora 34; 1992.
- Levinas E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70; 2016.
- Lima EA. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: Costa C.M; Figueiredo AC. Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania. Coleções IPUB. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; 2004. p. 59-81.
- Lima EMFA; Inforsato EA; Quarentei MS; Dorneles PS; Castro ED. PACTO: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional. Cad. Ter. Ocup. UFSCar. 2011;19(3): 369-380.
- Passos E; Kastrup V; Escóssia L (orgs). Pistas do Método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009.
- Quarentei MS. Atividades: territórios para Expressão e criação de afetos. São Paulo. Bol. Psiquiatr. 1994; 27(1): 26-27.
- Quarentei MS. Terapia ocupacional e Produção de Vida. In: Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. Anais. Porto Alegre: Abrato; 2001.
- Rancière J. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34; 2009.
- Rivera Cusicanqui, S. Um mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente em crisis. Buenos Aires: Tinta Limón; 20018.
- Rovai MGO. História oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos. São Paulo: Letra e Voz; 2017.
- Spinoza B. Ética. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica; 2008.
- Teixeira RR. As dimensões da produção do comum e a saúde. Saúde Soc. 2015; 24 (Supl.1):27-43.